

A Mentira a Serviço da Ideologia ¹

Prof. Aimar Baptista da Silva

1 Prefácio

O autor, Aimar Baptista da Silva, professor e coronel da reserva do Exército Brasileiro, nesta obra, expõe de maneira transparente e objetiva, uma análise da realidade brasileira que antecedeu a intervenção militar de 31 de março de 1964.

Com a sua experiência vivida na época ele mostra, aos jovens oficiais que não participaram desses acontecimentos e a todos que não viveram aqueles dias, a verdadeira história da revolução que tirou o Brasil das mãos dos comunistas, desmascarando a atual campanha de distorção dos fatos que a mídia e a esquerda derrotada vêm desenvolvendo com a intenção de desmoralizar as Forças Armadas, numa demonstração inequívoca de um revanchismo barato e irresponsável.

O seu conteúdo é prenhe do patriotismo desinteressado, típico dos militares, e representa um verdadeiro alerta aos que acreditam que os comunistas da época mudaram e abandonaram a idéia de reconstruir na América do Sul o que foi destruído no Leste Europeu.

E são eles que estão hoje no poder, graças ao desconhecimento histórico e ingenuidade do eleitorado brasileiro.

Que sua obra ajude a acordar as forças Armadas para o perigo que ameaça a Nação Brasileira.

Cel. Av. Ref. Raul Carvalho Gonçalves

2 Introdução

“Vocês nos anistiarão, mas eu não anistiei vocês. Para mim, vocês continuam sendo os bandidos que sempre foram e vão continuar sendo (Roberto Freire, “comuna” psicanalista, respondendo ao Cel. Erasmo Dias, durante um debate, conforme relato feito em entrevista à ISTO É, de 13Dez. 1995” . Isto reflete bem o objetivo que ainda move os “bolcheniquins” (bolchevistas tupiniquins) e seus aliados em relação ao Brasil e seu povo, além de refletir o revanchismo sem quartéis que eles dirigem contra a ... “ditadura militar”, as Forças Armadas e os militares. Terão eles razão em assim proceder? Estarão dispostos a aceitar e a revelar a verdade do a quem doer? Estarão eles tendo um comportamento absolutamente ético quando narram fatos escabrosos que os colocam como vítimas indefesas e inocentes, e aos militares e policiais militares e civis como criminosos da pior espécie? É o que procuraremos ver neste texto, começando por uma breve descrição dos resultados alcançados pelos países que foram submetidos à doutrina comunista.

Mais de cem milhões de mortos; milhões de alienados física, mental e moralmente; milhões de viúvas; outro tanto de órfãos; fome; miséria; doença; desespero; desencanto. A troca de quê? A troca de nada! Tal é o resultado obtido pelos sistemas “autoritotalitários” originados das

¹<http://www.reservaer.com.br/biblioteca/e-books/mentira/>

teorias de Marx e Engels. Nazismo, fascismo, comunismo, p. ex., são ovos da mesma serpente, diferenciados apenas pelo caráter nacionalista extremado dos dois primeiros e internacionalista fanático do último. Iguais em tudo o mais: nos objetivos, na violência, na opressão, na sede de poder, ... e na mentira. E foi sobre esta última que todos eles erigiram o seu bezerro, não de ouro mas de m..., “engrupindo” a boa fé de gente boa, esquecida mas esperançosa. Daí o jargão que ecoa pelos ares do Brasil : “A esperança venceu o medo!”

Não me venham dizer, entretanto, que a União Soviética, a China, a Checoslováquia, a Iugoslávia, a Polônia, a Albânia, a Romênia, a Bulgária, ... e Cuba, entre outros países submetidos ao jugo do bolchevismo, passados cem anos, pouco mais, ou menos, constituem exemplos acabados de progresso, de desenvolvimento, de justiça social, de bem-estar do povo, de pluripartidarismo, de alternância no governo, entre outros atributos que caracterizam o que se chama de democracia. Não são; nem um único deles! Como se atrevem, então, a se denominarem democracias (populares)? Como se atrevem a encarnar a figura de paladinos da liberdade, se foram os que mais a desrespeitaram? Como ousam falar de direitos humanos se foram os que mais os ignoraram? Como justificam que milhões foram vigiados, perseguidos, aprisionados, torturados, assassinados para que sobre os seus corpos se implantasse um regime espúrio e truculento?

Ora, se tudo isto está diante dos nossos olhos, ressoando em nossos ouvidos, ecoando em nossas mentes, demonstrando, cabalmente, a queda pelo fracasso retumbante, absoluto, incontestável do comunismo, ou socialismo real, ou que outros nomes lhes dêem, por que vamos dar crédito aos comunistas nativos, que nos prometem o ... “imprometível” (sinceras desculpas ao Magri!)? Mas é o que está acontecendo. O povo, em especial aqueles que se dizem cultos, está sendo, como se diz na gíria, “emprenhado pelo ouvido”. O povo quer mudanças e os “bolcheniquins”, com total despreendimento e interesse inusitado, se colocaram como a vanguarda popular a quem cabe organizar as massas, interpretar seus desejos, planejar e executar as mudanças que transformarão as nossas vidas, que transformarão o Brasil no mais novo e moderno dos ... “paraísos vermelhos”. Mas serão estas as mudanças que o povo quer? É bem verdade que ainda não sabemos de pleno os “quês”, os “porques”, os “ondes”, os “comos”, ... e os “quandos”. Não tem importância : os “camaradas” nos darão conta de tudo, quando não tivermos mais tempo de reagir!

O que temos visto, ouvido, lido e sentido até agora é a eficácia de uma campanha publicitária de grande vulto, talvez a maior já desencadeada até hoje, no Brasil, visando desmoralizar o Movimento de 31 de Março de 1964, os governos do chamado “regime militar”, as Forças Armadas e seus integrantes, as Polícias e os policiais militares e civis. Por isto resolvi confrontar dados e oferecê-los à análise e estudo dos interessados; não é um trabalho de fôlego, mas apenas uma compilação de atos, fatos e declarações que visa apenas lançar um pouco de luz sobre o charco comunista (desculpem-me a cacofonia!) fazendo com que as pessoas possam analisá-los a partir da realidade e da imparcialidade nos julgamentos e conclusões. E já que se fala tanto em ... caixa preta, seria interessantíssimo que os “bolcheniquins” abrissem as suas caixas pretas, não apenas as daqui mas também, e principalmente, as do exterior ; e as colocassem à disposição dos pesquisadores, dos interessados e, por que não, dos curiosos (não deixa de ser muito estranho

o fato de tais pessoas jamais haverem se interessado em abrir e pesquisar tais caixas?). Tenho certeza de que muita coisa se esclareceria de forma definitiva. E não lhes seria nem conveniente nem agradável! Vamos em frente, então.

3 Revolução ou Contra-Revolução? Golpe ou Contra-Golpe?

1. “O golpe de 1964, militar na sua exteriorização - correspondendo a inegável alteração na correlação de forças, e com o apoio, portanto, de variados e numerosos e poderosos componentes-foi político na sua essência e atendeu a interesses políticos inconfundíveis, independentes da vontade da maioria esmagadora de seus participantes e de muitos de seus destacados chefes. As Forças Armadas brasileiras foram acionadas para operar transformação cirúrgica na estrutura política brasileira, a fim de deter o processo de transformação estrutural que permitiria o desenvolvimento do país, econômico, social, político, dentro de normas democráticas”. (N. W. Sodré, “A História Militar do Brasil”, pág. 395).

2. “Nos primeiros meses de 1964, esboçou-se uma situação pré-revolucionária e o golpe direitista se definiu, por isso mesmo, pelo caráter contra-revolucionário preventivo. A classe dominante e o imperialismo tinham sobradas razões para agir antes que o caldo entornasse”. (Jacob Gorender, “Combate nas Trevas”, pág 67).

3. “Nos começos de 1964, avançava impetuosamente o maior movimento de massas da história nacional e o País já se achava no redemoinho de uma crise institucional. As diversas correntes da esquerda, marxista e não marxista, souberam tomar a frente do movimento de massas, formular suas reivindicações e fazê-lo crescer. Cometeram erros variados no processo, mas o erro fundamental consistiu em não se prepararem a si mesmas, nem aos movimentos de massa organizados, para o combate armado contra o bloco de forças conservadoras e pró-imperialistas”. Este bloco de forças sociais de há muito visava ao golpe de Estado e o articulou de maneira planejada (Idem, pág 250).

4. Luis Mir, autor relativamente contestado por seus irmãos de ideologia, confirmou os autores acima mencionados, quando anotou em seu “A Revolução Impossível” (pág. 10) que “fadado a um grande destino, o Brasil seria a terceira grande revolução neste século. A primeira, a União Soviética, Segunda, a República Popular da China e a terceira, a República Democrática Popular do Brasil. (...) Para os brasileiros e estrangeiros que a tentaram neste século, foi a revolução impossível”.

Deparamo-nos, aí, como já observou Geraldo Bezerra de Menezes, com a chamada “flutuação tática” dos comunistas: sempre realista e ajustada, por incrível que pareça, ao plano doutrinário, ainda que necessário apresentá-lo falsificado (ou adaptado) por mera conveniência, objetivando à conquista de novos adeptos.

Quais eram esses interesses políticos inconfundíveis que provocaram a atuação das Forças Armadas? Como é que a maioria esmagadora dos participantes, e de muitos de seus destacados chefes, participou do movimento, se não tinha vontade de participar? Que transformação

estrutural seria essa, indicada por Sodré, que transformaria o Brasil, para melhor, sem ferir as normas democráticas?

Que situação pré-revolucionária era essa a que se refere Gorender? Se o golpe preventivo foi direitista, podemos caracterizar tal pré-revolução como uma pré-revolução comunista? Porque Gorender não explica, nem define, em que tipo de crise institucional estava envolvido o Brasil? Se as duas correntes de esquerda, marxista e não marxista, tomaram a frente do movimento, isto não é um sinal de que ambas, se é que se pode falar assim, tinham os mesmos objetivos e também de que a principal (e única, talvez!) divergência entre elas era a respeito dos métodos e processos a serem utilizados no evoluir da situação pré-revolucionária para a situação revolucionária? E se Gorender fala abertamente em combate armado, isto não é indicação segura de que, na realidade, essas divergências e essa dicotomia esquerdista não passavam de ... “estórias para boi dormir”, havendo, na realidade, apenas uma esquerda? Por fim, se essas esquerdas não se prepararam, e nem as massas, para enfrentar o bloco conservador, como pode Gorender falar em avanço impetuoso do maior movimento de massas da história nacional? Que forças conservadoras e pró-imperialismo formavam o bloco a ser combatido, com armas na mão, por esse ... maior movimento de massas da história brasileira?

Portanto, a conclusão só pode ser uma: não houve revolução em 31 de Março de 1964 mas, sim, uma Contra-revolução - ou visto de outro ângulo : não houve golpe e sim um contragolpe preventivo - que obstou, praticamente sem um tiro, a revolução armada que os comunistas pretendiam fazer eclodir muito provavelmente no dia 1º de maio de 1964. Não tiveram tempo!

4 Religião e Ideologia

As Igrejas, especialmente a Católica, e seus ministros, tiveram importância fundamental na eclosão e desenvolvimento da Contra-revolução de 31 de Março de 1964. O trabalho realizado pelos religiosos, na conscientização dos seus fiéis, foi muito importante para que os cristãos repelissem, com energia, o assédio dos “bolcheniquins” (bolchevistas tupiniquins). Mas já havia, há bastante tempo, um insidioso trabalho de cooptação dos sacerdotes e dos leigos, principalmente aqueles com respeitável bagagem intelectual. Já havia uma tênue ainda divisão dos sacerdotes em dois grupos distintos: o dos conservadores, que seguiam as determinações da Igreja, e o dos progressistas, que já começavam a contestá-las, indo mais além até: pretendiam atrelar a doutrina cristã à ideologia marxista-leninista. Os comunistas muito cedo compreenderam que para dominar a Igreja tinham de partir de dentro para fora. E se assim o pensaram, melhor executaram.

No estudo “Igreja e Sociedade no Brasil”, Luiz Eduardo Wanderley, analisa a Igreja como Estado e Estado Nacional, observando que: *“A Igreja Católica, por natureza, apresenta a ambigüidade de se constituir em uma instituição da sociedade civil dentro dos Estados Nacionais e, ao mesmo tempo, ser um Estado com particularidades muito especiais. É nesse sentido que se chega a afirmar que ela possui os atributos de uma multinacional (poder centralizado, massa crítica de recursos para alocar, planejamento internacional etc.). Em contradição gera proble-*

mas de enorme complexidade. (...) Agindo como um Estado reconhecido, deve respeitar, a nível das relações diplomáticas, cada Estado nacional de jure e de facto.

Contudo, em conjunturas definidas, através de alguns de seus setores (nacionais e/ou estrangeiros) chega a contestar políticas governamentais com relação ao divórcio, à limitação da natalidade, aos direitos humanos, e a apoiar a partidos e movimentos políticos de oposição” . Aí estão definidos, simultaneamente e em linhas gerais, o ponto fraco da Instituição, para fins de infiltração, e a cunha necessária para difundir a ideologia marxista de um modo muito sutil, quase imperceptível, aos leigos.

Já nos começos da década de 60 sobressaia-se o padre Aloísio Guerra, autor do livro “O Catolicismo ainda é Cristão”, que assim se manifestava sobre a religião católica: *“Essa Religião assim constituída, com bases na hipocrisia, na descaridade, num falso amor, num zelo detestável, num autêntico desprezo dos pobres e numa verdadeira aliança (para o progresso ?) com os ricos, é ou não é o ópio do povo?”*

Vejamos uns poucos dados:

1. “Ação Popular (ou Ação Popular Marxista-leninista) era o nome de um grupo de militantes de esquerda nos anos 60, originários do meio estudantil (Juventude Universitária Católica/JUC). A uni-los, a inspiração cristã ditada pela Igreja Católica e a base ideológica marxista-leninista” (o já citado, anteriormente, psicanalista Roberto Freire, na mesma entrevista). Um de seus fundadores e coordenadores foi o cantado e decantado Betinho. Em “Cristianismo, Hoje” Betinho declara que *“Alguns de nós começamos nosso aprendizado (marxista-leninista) no movimento estudantil como elementos da Ação Católica. No princípio, uma JEC (Juventude Estudantil Católica) animada por jovens assistentes entusiastas. Era o germe de uma ... revolução, colocada na plano social, histórico. Germe que não morreu na JEC, mas que para muitos só deu frutos na JUC”*. Aí está a mentira: o lobo vestindo a pele do cordeiro (de Deus!). E a alienação é tanta que o ex-frei Leonardo Boff, um dos teóricos da “teologia da libertação” no Brasil, propôs, após a morte de Betinho, a canonização do “de cuius”; afinal, ele é o homem da “campanha contra a fome”.

2. Em 1968, D. Helder Câmara, arcebispo de Recife e Olinda, que na mocidade havia pertencido às hostes da Ação Integralista Brasileira, fundou um movimento denominado “Movimento de Pressão Moral Libertadora”, cuja finalidade era “conscientizar” o Brasil de Norte a Sul. Já antes, quando bispo auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário-Geral da CNBB, assim se manifestara sobre a reforma agrária : *“Ou se tem o bom senso de aceitar o projeto de Revisão Agrária ou virá a revolução agrária, para a qual já há balões de ensaio no nosso próprio país”* (Coletânea da TFP “Meio Século de Epopéia Anticomunista”, 1980). A partir de então. D. Helder fica conhecida, entre os anticomunistas, como o ... Arcebispo Vermelho.

3. Ainda em 1968 surgiu o chamado “Documento Comblin”, difundido pelo padre belga Joseph Comblin, professor no Instituto Teológico da Arquidiocese do Recife (de D. Helder Câmara!). Nele Comblin pregava, abertamente, a revolução na Igreja, a subversão no país, a derrubada do governo (marechal Costa e Silva), a dissolução das Forças Armadas e a implantação de uma

ditadura comunista, baseada em tribunais de exceção e aparelhada para reduzir ao silêncio os descontentes (idem).

4. Mais ou menos na mesma época vamos encontrar, lecionando em universidade do Rio de Janeiro, Roger Garaudy se declarando a um só tempo cristão e marxista, cuja pregação deletéria foi assim criticada por Geraldo Bezerra de Menezes: *“Enquanto a França se empenha em desmarxizar os centros de ensino (v. Jules Monnerot, Desmarxizer l’Université, Paris, 1971), no Brasil insiste-se com Roger Garaudy para espalhar a sua ideologia em nossas universidades”*.

5. Entrevistado por “Zero Hora” (Porto Alegre/RS, 29 Jan 1989), Raul Pont (PT/ex-prefeito de Porto Alegre) afirmou que “a Igreja (católica) originária de Puebla rompeu o preconceito contra o socialismo, havendo atualmente maior identidade entre o setor progressista da Igreja e o PT, em termos de luta política” (citado por A. J. de Paula Couto, em “O Desafio da Subversão”, pág. 72).

6. No artigo “A Volta do Sagrado” (incluído no livro “Religião e Sociedade”), Rubem Alves observa que “de uma perspectiva da Igreja, o conflito fez com que o Estado emergisse como problema central a ser analisado de um ponto de vista histórico e político. A questão da terra, a situação dos índios e dos direitos humanos, a doutrina de segurança nacional (punctum dolens dos “bolcheniquins”), têm sido os problemas da hierarquia Católica brasileira - e em todos eles o que está em jogo é a questão do autoritarismo estatal (...) Por razões óbvias: **o compromisso da Igreja com as classes pobres a leva muito próximo de uma opção socialista**, o que contraria os interesses do empresariado capitalista liberal”.

7. Carlos Doria, no artigo “Religião e Política em Gramsci” (incluído no livro “Religião e Sociedade”), praticamente justifica a afirmação anterior: **“Somente o marxismo, como o catolicismo, mas de um modo diverso, lograria penetrar a fundo as massas populares”**.

8. O já mencionado Rubem Alves observa que **“com a conferência de Medellin a teologia da libertação deixou de ser expressão de grupos para-eclésiásticos radicais, e foi elevada à condição de voz do episcopado latino-americano”**. Aí começou de fato o cisma do século XX, caracterizado pelo desenvolvimento da Teologia da Libertação, de inspiração marxista-leninista e, por isso mesmo, combatida pelos Papas mais recentes, especialmente o atual, como os mais antigos combatiam o comunismo. A coisa atingiu o paroxismo no atual pontificado quando os teólogos liberticidas decretaram que “a Igreja de João Paulo II, há muito tempo havia perdido o sotaque de Jesus”. Muito colaboraram para isto o aumento de padres de origem urbana, formados não mais em seminários, mas em comunidades, assim como o aparecimento de um expressivo número de organizações internas tais como as Comissões Pastorais, as de Justiça e Paz, as Comunidades Eclesiais de Base, o Conselho Indigenista Missionário ... e associações de leigos como os Cursilhos da Cristandade.

9. Em 25 de novembro de 1972, o bispo de Campos, D. Antônio de Castro Mayer, difundiu uma Carta Pastoral sobre os Cursilhos da Cristandade, alertando sobre tendências esquerdistas observadas em alguns círculos cursilhistas. (A Folha de São Paulo, nesta mesma data, comentando

entrevista com D. Antônio , assim se expressou: *“Há nos Cursilhos uma singular mistura de erro e de verdade, de bem e de mal, entende D. Antônio ...É forçoso reconhecer uma tendência esquerdizante em meios cursilhistas, diz o bispo de Campos”*.

10. No artigo “O Magistério de Roma”, publicado no O Globo (07 Jul 1985) o Dr. Heráclito Sobral Pinto observou que *“não nos encontramos num período de transição, como freqüentemente se declara. A realidade dolorosa é muito mais dramática: o espírito revolucionário, que, desde mais de século, domina a sociedade civil, invadiu também os quadros da Igreja de Cristo. Teologia da Libertação, Progressismo, Igreja do Povo, Colegialismo nada mais são do que a negação atrevida, clara ou disfarçada, do Magistério de Roma, de que o Papa é expressão legítima”*. Tinha plena razão o Dr. Sobral Pinto ao expor as suas observações; só não dá para entender porque, em contrapartida, ele ficou famoso como defensor de um sem número de comunistas na condição de presos políticos.

Tudo isto confirma a cooptação de uma parcela razoável de religiosos de vários credos, principalmente o católico, pela ideologia comunista. Talvez porque, como observou o Papa Pio XI, **“bem poucas pessoas têm sabido penetrar na verdadeira natureza do comunismo”**. Por certo ignoravam que, para Marx, **“a religião é o suspiro da criatura oprimida pela infelicidade, a alma de um mundo sem coração, do mesmo modo que é o espírito de uma época sem espírito. É o ópio do povo (das opium des Volks)”**. Nem perceberam que Lenine considerava como **“uma abominação qualquer idéia religiosa”**. Talvez nunca tomaram conhecimento de que, em “Ecclesiam Suam”, o Papa Paulo VI condenou **“os sistemas ideológicos negadores de Deus e opressores da Igreja, muitas vezes, identificados com regimes econômicos, sociais e políticos, entre eles o comunismo”**. Desconhecem que,

..... Não foi a Igreja católica que perdeu o sotaque de Cristo; foram os religiosos ‘dissidentes’ que adquiriram o sotaque de Marx

5 Mortos e Desaparecidos Políticos

A questão denominada “Mortos e Desaparecidos Políticos” (expressão à qual faço uma ressalva: políticos, não, subversivos!), da qual fiz uma seleção de textos publicados algures e alhures, constitui-se numa das maiores mentiras perpetradas pelos bolchevistas botocudos em todos os tempos. Os textos foram escolhidos aleatoriamente, tendo em vista os muitos e notórios exageros que, por absurdos, provocam, na opinião pública, dois tipos de sentimentos : de um lado, despertam a simpatia pelas ‘vítimas’, pelos ‘perseguidos’, pelos ‘injustiçados’, mercê de sua ... “luta idealista” em prol de uma ... ‘sociedade’ mais justa e igualitária, a sociedade comunista; de outro incitam ao desprezo e ao ódio contra as chamadas ... “forças da repressão” às quais cabe justamente defender a sociedade das ameaças “igualitotalitárias” dos bolchevistas nativos e alienígenas. Como observou Lenine, *“A moralidade comunista é subordinada aos interesses da luta proletária de classes. O seu conteúdo e o seu objetivo é a construção e a consolidação do comunismo”* (isto será comprovado no final deste artigo). Esta é a realidade que os “bolcheniquins” sempre ocultaram da opinião pública brasileira.

- “A partir da derrubada do presidente João Goulart, em 1964, começou a ser deflagrada uma guerra suja e surda no Brasil. ... o ciclo da ditadura no Brasil, colocou em ação 13.000 militantes de esquerda, distribuídos em 29 organizações que pegaram em armas e outras 22 que optaram pela chamada resistência pacífica. Do outro lado da trincheira havia pelo menos 400 militares envolvidos diretamente em operações clandestinas. Nesse embate, terroristas assaltaram bancos, seqüestraram e assassinaram. Do outro lado, prenderiam pessoas ilegalmente, torturaram e mataram. No total mais de 4.600 pessoas tiveram seus direitos políticos cassados, cerca de 10.000 foram exiladas e, na lista dos desaparecidos, existem 144 nomes” (“Autópsia da Sombra”, VEJA, 18 Nov 92).

Ora, ocorre aí uma escandalosa inversão: não foi o ciclo da ... ditadura militar que fez os militantes comunistas pegarem em armas contra ela. Na verdade, a ... “ditadura” surgiu exatamente para combater a terrível subversão que tomou conta do país, durante o governo de Jango. A coisa começou em 1922, com a fundação do Partido Comunista atrelado ao PCUS (Partido Comunista da União Soviética), cujo objetivo era a transformação do Brasil num satélite da URSS. Porém, mesmo antes de 1935, quando foi vencida a “Intentona Comunista”, os militares estavam “escolados” e preparados para um futuro confronto, pois sabiam que os “bolcheniquins” (bolchevistas tupiniquins) tentariam, novamente, derrubar o governo e tomar o poder. Era só uma questão de tempo e oportunidade, que surgiu justamente no governo de Jango, totalmente dominado pelos comunistas. Luis Mir, em “A Revolução Impossível”, admite : “Em 35, os oficiais e soldados comunistas foram derrotados em quatro dias, com alguns pequenos combates. **Em 64, não chegaram a se mover de suas casas ou quartéis e foram derrotados numa madrugada, a de 1^o de abril de 64** (é a data que os “comunus” sempre apresentam como o “Dia D”, em que eclodiu a contra-revolução de 1964; data sugestiva, “né”?).

- (VEJA, 17 Mai 1995) “FHC manda preparar um projeto de lei que reconheça como mortos os desaparecidos do regime militar. (...) Caberá agora ao ministro Nelson Jobim, e a seu chefe de gabinete, José Gregori, criar um instrumento jurídico pelo qual o Estado reconheça a mortes dessas pessoas, cujos corpos - uma exigência legal para atestar o óbito de qualquer um - nunca foram encontrados. O texto também vai tratar da indenização. ... O reconhecimento da morte pode ser interpretado como aquilo que de fato é: sinônimo de culpa. Por outro lado, nem todos os 144 desaparecidos estão realmente desaparecidos. Entre eles, há uma parcela de militantes que, entre o confronto entre o regime e a lealdade a suas organizações, acabaram mudando de lado, tornando-se informantes do aparato militar. Assumiram nova identidade e podem estar vivos”.

Entregue o caso ao ministro Jobim, certamente a coisa saiu melhor que a encomenda, haja vista que ele, conforme já declarou, é um ‘expert’ em manipular textos, constitucionais inclusive, quanto mais uma lei ‘mixuruca’ para matar de vez quem não se sabe se, realmente, está morto. Aí a coisa se supera: reconhecer como morta gente que ainda pode estar viva. É demais! Nem pode o reconhecimento dessas ‘mortes virtuais’ ser considerado como sinônimo de culpa do Estado, uma vez que quem as reconheceu militou no mesmo campo ideológico desses ‘mortos’ (o que o qualifica como suspeito!) e se encontrava, à época do projeto de lei, à frente do governo

brasileiro; portanto, foi o governo FHC, e não a entidade jurídica Estado Nacional Brasileiro, que reconheceu tal culpa. Assim, isto não é reconhecimento e, sim, favorecimento, premiação, apadrinhamento, compadrismo ou coisa semelhante, tamanho é o número dos beneficiados com vultosas indenizações, aposentadorias e pensões. Seria interessante definir quantos são os daqueles 144 que mudaram de lado, assumiram outra identidade e ‘podem estar vivos’.

- “*Nos estudos do ministério (da Justiça), a relação de desaparecidos é de 152. Pelo relatório Brasil: Nunca Mais, há 125. Já no estudo de 1979 do Comitê Brasileiro pela Anistia, CBA, os desaparecidos são 144. Esse relatório inclui todos os 125 e acrescenta outros 19. (...) ... de 1979 até hoje o CBA achou outros 8 casos. ... A conta subiu para 152.* (VEJA, 31 Mai 1995)”. Tem início, assim, a ciranda dos números que, como veremos, tenderão a aumentar cada vez mais. Só neste item a diferenças entre cada dois deles variam de 27, 19 e 8.

- “... *está sendo proposta uma solução viável para o problema dos 152 desaparecidos políticos durante o regime militar*” (O Globo, 25 Jul 95) ... O texto referia-se com certeza aos protestos do ‘grupo tortura nunca mais’, que considerou o projeto Gregori muito tímido por não tocar na questão da responsabilidade pelos desaparecimentos”. ... No mesmo dia, no mesmo jornal, na coluna Panorama Político, Tereza Cruvinell observava que “*remexer nos desatinos daquele tempo implicaria identificar quem prendeu, torturou e fez sumir os corpos. Mas poderia resultar também no julgamento dos atos desesperados dos que partiram para a luta armada e o terrorismo*”. Veja-se a sutileza: quando se fala em desatino, remete-se a ‘repressão’ à realização de atos tresloucados, praticados com desvario tal que se aproximam da loucura, não podendo ter, por causa disto, qualquer justificação; e quando se fala em ... ‘atos desesperados’ quer se enquadrar como tais todos os tipos de crimes cometidos pelos subversivos, face aos ‘desatinos’ que sofreu, o que seria meio caminho andado para suas posteriores justificações. Ou seja, se não houvesse desatinos não haveria atos desesperados!

O revanchismo, nesse caso, experimenta um refluxo: bem que os bolcheniquins gostariam de identificar (melhor seria dizer, acusar, coisa que, aliás, já o fizeram em dezenas de publicações vermelhas), julgar e condenar os responsáveis pelos referidos ‘desatinos’. Mas em contrapartida também seriam enquadrados nas malhas da Justiça, por crimes tais como assaltos a bancos, seqüestros de pessoas e aeronaves, sabotagem, terrorismo, guerrilha rural e urbana, incitação à revolução através da luta armada, formação de quadrilha, assassinatos, execuções, justicamentos, traição e outros ... ‘atos desesperados’. Quem escaparia de tais acusações fartamente documentadas ? Por qual razão o Ministério Público não tomou conhecimento desses fatos, que caracterizam vários tipos de crimes ? A quem caberia, então, a pecha de bandido, de criminoso?

- “*A lista dos 136 desaparecidos políticos Nelson de Lima Piauhy Dourado*” (O Globo, 27 Jul 95). Acrescentou-se mais um ! Mas a que lista : 152, 144 ou 125? Nenhuma delas : surgiu outra lista, agora com 136 desaparecidos relacionados. Qual será, então, a correta?

- “*A Comissão de Direitos Humanos da Câmara tentará incluir no projeto de lei sobre os desaparecidos políticos os nomes das 217 pessoas reconhecidamente mortas por motivos políticos*

entre 1964 e 1985” ... “Como o projeto só trata de desaparecidos, não contempla as demais 217 pessoas que foram mortas por motivos políticos entre 1964 e 1985, como o jornalista Wladimir Herzog” (O Globo, 27 Jul 95).

- “A Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados já tem a identificação de mais dois possíveis desaparecidos durante o regime militar, que poderão ser incluídos na lista de 136 nomes elaborada pelo Ministério da Justiça (O Globo, 28 Jul 95). Será esta a lista ... ‘quente’ ? A terminologia é risível e ridícula: **possíveis desaparecidos**. Quem sabe não seriam eles ‘possíveis mortos’ ou até ‘possíveis vivos’ ?

- “A Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP, reiterou ontem a necessidade de a União reconhecer a morte de 217 comprovadamente mortas e 152 desaparecidos políticos durante o regime militar. A OAB pediu, ainda, a descrição das circunstâncias da morte, a localização das ossadas e a indenização na forma da lei” (O Globo, 28 Jul 95). A CDH/OAB/SP está querendo ser mais realista que o rei ; como configurar um crime sem o corpo de delito, sem o cadáver do “de cujus”? E se um deles aparecer vivo, poder-se-á continuar considerando como mortos os outros 151 ?

- “O documento, que ainda poderá ser modificado, prevê indenizações entre R\$ 100 mil e R\$ 150 mil para os parentes dos 136 desaparecidos” (O Globo, 2 Ago 95). De novo a lista de 136 ; e os dois nomes que seriam incluídos nela? Que tipo de modificação poderia sofrer tal documento: alteração no número de mortos, aumento do valor das ... ‘indenizações’, ambas as alternativas? Diga-se de passagem, que muitas ‘indenizações’ foram realmente vultosas, chegando próximas ao milhão de reais. Evidentemente que aí não funcionou o propalado ‘igualitarismo’, pois as ‘indenizações’ relativas aos subversivos ‘pés-de-chinelo’ foram irrisórias. Repete-se a tal estória de que “*todos são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros*”.

- “... a Comissão de Direitos Humanos da Câmara trabalhava em silêncio com o Grupo Tortura Nunca Mais. O deputado Nilmário Miranda (PT/MG), presidente de uma das comissões (a da Câmara) é um dos sete membros da outra (a do Ministério da Justiça), já tem pronto um cadastro com uma centena de casos de pessoas mortas sob tortura, mas que para o Estado foram atropeladas durante a fuga, morreram em tiroteios ou cometeram suicídio” (O Globo, 5 Dez 95). Não é estranho que Nilmário (e quem sabe outros ‘camaradas’) fizesse parte das duas comissões, ou havia tal carência de parlamentares e/ou advogados para preencher os cargos das referidas comissões, que Nilmário teve de assumir dois encargos semelhantes a um só tempo? Vejamos alguns relatos:

- “O número oficial de mortos e desaparecidos políticos no regime militar, reconhecido pelo Estado pode chegar a 356. Até agora, o número é de 222. Desse total, 136 foram admitidos pela lei 9140/96, que propôs indenizações aos familiares dos militantes de organizações de esquerda, e 86 foram incluídos depois pela Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça. Ainda estão sob análise 134 outros pedidos, 26 para reconhecimento de desaparecidos e 108 solicitações para o reconhecimento da responsabilidade do Estado pela morte dos militantes” (Folha de São Paulo, 30 Jul 96). Recomeça a ciranda dos números: de

136 pula-se para 222 (86 a mais), podendo-se chegar (!) a 356. Parece que além dos 2 já previstos (ver acima), descobriram-se mais 84. De todos, quantos são os mortos e quantos os desaparecidos?

- *“Oficialmente, há 280 processos na Comissão de Desaparecidos Políticos, ligada à Presidência da República. São presos cujos corpos nunca foram localizados”* (“Impossível Esquecer”, ISTO É, 9 Dez 98). Tudo, ou quase tudo, foi feito pelos “camaradas”, sob a inspiração de Nilmário, Greenhalg et all, para se encontrar esses corpos. Até antropólogo argentino especialista em encontrar ossadas foi contratado. Tudo sem resultado. Assim, com o passar do tempo, cada vez fica mais fácil incluir mais alguém nessa lista interminável. Mas vejamos outras reportagens:

- (VEJA, “Autópsia da Sombra”, 18 Nov 1992, já citado) *“Há três semanas Chaves (ex-sargento Marival Chaves), especializado em análise de informações, decidiu enfim revelar tudo o que sabe sobre prisão, tortura, assassinato e desaparecimento de cadáveres de presos políticos”(...)* Sua missão era avaliar os depoimentos dos presos e cruzá-los com as informações repassadas ao Exército pelos militantes de esquerda que haviam se convertido em informantes”. Na reportagem, Marival chegou a denunciar a existência de um ‘cemitério submerso’, conforme as descrições que ouviu de colegas, localizado ou no rio Novo, em baixo de uma de duas pontes da rodovia SP 255, nas imediações de Avaré, a 260 km de São Paulo, ou, então na represa de Jurumirim. Acaso foi feita uma busca, mediante uma dragagem minuciosa dos leitos do rio e da represa nos locais referidos? O que causa espécie é o fato de Marival relatar coisas realmente escabrosas (como o esquartejamento e mutilação de cadáveres, para dificultar a identificação) que ouviu de agentes (da ‘repressão’?). Por quê não cita o nome desses agentes, que, não primavam pela discrição?

- (Época, 27 de novembro de 2000) *“... Porquinho (delegado Alcides Cintra Bueno, do DOPS), relata Percival (jornalista Percival de Souza, em seu livro “Autópsia do Medo, sobre o delegado Fleury) era o coveiro oficial do Dops e do Doi-Codi: ocultava os cadáveres produzidos pela repressão ... Alcides (Porquinho) está morto (Fleury, também!). Tuma (delegado Romeu Tuma, hoje senador) nega a acusação. (...) Percival diz que Fleury teria posado para fotos com um colar de 30 dentes arrancados do capitão Lamarca, depois que o guerrilheiro foi abatido por 49 tiros. O relato contraria um laudo de 1971 do legista suíço Charles Pittex e o exame da ossada de Lamarca realizado em 1996 pelo legista José Eduardo Reis. Os documentos atestam que Lamarca alvejado com sete tiros conservava os dentes”*. Como se pode depreender das conclusões dos repórteres Guilherme Evelin, com Bernardino Furtado e Bruno Weiss, responsáveis pela reportagem “O delegado da morte”, Percival de Souza errou ou mentiu descaradamente no caso do desertor Lamarca. Quanto ao caso de “Porquinho”, onde conseguiu o jornalista tal informação? Por acaso deu-lhe seqüência investigativa? Não parece muito confortável relatar como verídicos fatos dos quais, pelo falecimento dos protagonistas (Fleury e Porquinho), não se pode realizar o contraditório? **(Atentem para a sutileza da data da publicação da reportagem - poucos perceberam! - : 27 de novembro de 2000, 65 anos de irupção da ... Intentona Comunista! Mas que coincidência!!!!!!)**

- (Isto É, 29/11/2000, “História Macabra”) - “*Howe casos em que as cabeças foram decepadas e costuradas em outros corpos, diz o jornalista (Percival de Souza)*”. Que casos são estes? A cabeça de quem foi decepada e costurada no pescoço de quem? Quem decepou e quem costurou? Em que fonte conseguiu Percival uma tal informação ou terá sido mais um erro ou mais uma mentira dele. Com que finalidade?
- (O Globo, 5Mai 96) - “*Numa tarde de 1973, eu estava rezando pela alma de meu marido que tinha acabado de morrer, quando os militares chegaram e jogaram numa grande vala os corpos de cinco dos ‘paulistas’. Dois deles eu vi bem e pude identificar: eram o doutor Juca (João Haas Sobrinho) e o Lourival (de Moura).* (ver nótula seguinte).
- (O Globo, 8 Jul 96) - “*Os peritos da equipe argentina de Antropologia Forense (no Brasil não tem disso não, ou as equipes de nossas universidades não têm nem conhecimento nem competência para assumir uma investigação de tal monta?) acreditam (!) ter encontrado ontem, no cemitério municipal de Xambioá, a segunda ossada de guerrilheiros em locais apontados por moradores da região ao Globo em maio deste ano.* Ora, o que mais se encontra num cemitério são justamente ossadas! No caso de D. Adalgísia ficou bastante fácil identificar o cemitério e o local do tal valão, que devia ser bastante perto de onde ela estava rezando pela alma do marido; afinal, ela conseguiu identificar dois dos mortos. Dita equipe investigou apenas no cemitério de Xambioá ou o fez também em outros locais apontados pelos moradores da região? Se o fizeram deveriam ter descoberto no referido valão não duas mas, pelo menos cinco ossadas. Onde estão elas? Se nada foi encontrado não se deve ao fato de a equipe ser incompetente e, sim, porque não havia ossada nenhuma. Estranho também o fato de D. Adalgísia identificar um dos mortos pelo nome (Lourival), já que entre os guerrilheiros, conforme relatou, em outra reportagem, José Genoíno, ninguém sabia o nome de ninguém, apenas o codinome; a não ser que Lourival fosse um dos moradores cooptados no local, o que não parece, pois D. Adalgísia identificou os cadáveres como corpos dos ‘paulistas’.
- (VEJA, 31 Mai 95, “A morte sem fim”, entrevista com a mãe de um militante do PC do B, supostamente morto no Araguaia, durante o combate à guerrilha) - “*Dona Helena já ouviu, de militantes do PC do B, dois relatos sobre a morte do filho. Mas não acreditou. ‘Dizem que, na hora em que ouviram os tiros, todos fugiram. Então como podem afirmar que meu filho foi morto? Eles não viram o corpo’*”. (Ver nótula seguinte).
- “*Como se provou, não foram poucos os militares que, entre o final dos anos 60 e a primeira metade da década de 70, se envolveram diretamente com a sevícia e o assassinato de presos políticos*”. (Augusto Nunes, diretor de Redação de Época, ‘Carta do Editor’, 27 de novembro de 2000). O autor diz “como se provou” . Eu pergunto: como se provou? Onde estão as provas? Onde estão aqueles que apresentaram tais provas? Se não foram poucos os militares envolvidos, quantos foram, então? Quais os seus nomes, postos e graduações? Quem seviciou quem? Quando? Onde? Quem testemunhou? Quem matou quem? Quando? Onde? Quem testemunhou? Como se vê, é fácil difundir palavras ao vento, sem compromisso nem responsabilidade e esperar pelas suas conseqüências. Quem afirma, principalmente quando ocupa um

cargo que deve ser importante numa importante revista e não prova o que afirma é culpado por “ação e sensacionalismo” e a revista que o encobre também o é, por sensacionalismo e omissão. Afinal, a palavra do diretor de redação de uma revista deve ser a palavra da revista. Ou não é?

Para se ter uma idéia de como os “bolcheniquins” distorciam a verdade a seu favor, vejamos o texto abaixo (IstoÉ Gente, 12 Mai 2003, entrevista com Carlos Heitor Cony, “Se fosse padre, seria um homem melhor”) que será objeto de um artigo: *“Também escrevo um romance-reportagem sobre as mortes do Juscelino, do Lacerda e do Jango no contexto da Guerra Fria e da abertura política no Brasil (...) É um livro polêmico, levanto todas as coordenadas de três mortes estranhas, que aconteceram num contexto internacional onde houve outras mortes. (...) A conclusão final é que as provas são mais fracas que os indícios. Os indícios apontam para um atentado político na morte dos três. Como disse Miguel Arraes (...) numa comissão da Câmara dos Deputados para apurar a morte de Goulart (grifo meu) : **“Minha opinião é que os três foram assassinados. Se os fatos não provam isto, azar dos fatos”**. Eu (Cony) assino embaixo”*.

6 Conclusão

Aí estão alguns fatos da escalada comunista no Brasil antes e durante o regime militar.

Isso ocorreu ontem! Você acredita que hoje é diferente?

Se disse não, acertou: a escalada vermelha, atualmente, desenvolve-se à sombra da lei e com o beneplácito do governo. Por isso mesmo está mais aberta, mais organizada, mais ousada. Os ‘bolcheniquins’ têm plena certeza de que assumirão o governo e o poder, e poderão, enfim, realizar o seu intento de transformar o Brasil numa ... “república socialista soviética”, invertendo o curso de nossa História. Estão pretendendo levantar um muro de ... capim em torno de nossa Pátria e ninguém faz nada seja por conivência, conveniência, omissão, comodismo ou medo!

Lembraí-vos de 1935! E de 1961! E de 1964! E de 1968!

Não nos esqueçamos de hoje! E de amanhã! Vamos ficar sentados esperando?